

Análise de discurso. uma abordagem dialética

Roberto Ramos ¹

Resumo

Apesar de denegado, o paradigma althusseriano mantém-se atual. Não foi soterrado pela avalanche neoliberal, com seu almanaque de desmonte do Estado. Não se extraviou na irrupção da nova face do Imperialismo, maquiada como globalização. Althusser articula o marxismo, a psicanálise e o estruturalismo nos limites do materialismo e da dialética. Estabelece a relação entre o social e o subjetivo. Tais contribuições teórico-metodológicas são pertinentes ao empreendimento da Análise de Discurso, através da completude e da incompletude de suas formulações. Ensejam uma leitura das práticas neoliberais, tecidas no fim deste século, pelos signos da globalização.

Palavras-chave

Discurso, ideologia, inconsciente.

Abstract

Despite being denied, the althusserian's paradigm remains present. It was not buried by the neoliberal deluge, with its dismantling almanac of the State. It did not go astray in the irruption of the Imperialism's new face made-up as globalization. Althusser articulates marxism, psychoanalysis and structuralism to the limits of materialism and dialectics. He establishes the relation between social and subjective. Such theoretical-methodological contributions are pertinent to the enterprise of Speech Analysis, through the completeness and incompleteness of its formulations. They attempt a reading of neoliberal practices, woven at the end of this century, by the signals of globalization.

Key words

Discourse, ideology, unconscious.

¹ Professor na PUCRS e na Famescos; Doutor em Educação pela PUC/RS; autor dos livros: *Futebol: ideologia do poder*; *Grã-finos na Globo*; *Manipulação & controle da opinião pública*; *A máquina capitalista: mídia, textos e contextos* (Org.) e *A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo*. E-mail: rr@pucrs.br

Ainda que não-reconhecido, de acordo com a sua importância, o nome de Louis Althusser é um dos mais importantes da filosofia no século XX. A sua pronúncia suscita polêmica nos mais diferentes templos epistemológicos. Não faltam althusserianos; não faltam anti-althusserianos. O debate consegue, nos seus silêncios, consagrar o filósofo, nascido em 1918 e falecido em 1990.

Com completude e com incompletude, ele produziu uma Teoria da Ideologia em Geral, sustentada pela articulação entre o marxismo e a psicanálise. Ofereceu possibilidade, para a investigação da relação dialética entre o social e o subjetivo. Potencializou condições teóricas e metodológicas, reivindicadas pelas pertinências da Análise de Discurso.

Análise de discurso

A necessidade de comunicação acompanha os passos humanos na história. Está associada à sobrevivência desde os traços alegóricos das cavernas até a onipresença dos satélites, do telefone celular, do fax e dos computadores. É um pré-requisito da dominação humana sobre os pressupostos da natureza.

À medida que as configurações sociais se tornam mais complexas, aumenta a necessidade da discursividade. A manutenção da hegemonia respira o oxigênio dos textos, das falas e das imagens, que transitam pela multiplicidade dos espaços sociais, dando-lhes unidade e trazendo-lhes submissão.

Na caminhada humana, inúmeros passos, dados em diversificadas circunstâncias históricas, mobilizaram a essencialidade do discurso. É possível sublinhar, entre outros, os impulsos da descoberta de Gutenberg, da Revolução Francesa e da Segunda Revolução Industrial.

No século XV, Gutenberg conseguiu abrir uma nova *free-way* para o saber, descobriu os tipos móveis, ensejando a reprodução da palavra escrita. Representou a viabilidade técnica de sua deselitização. Deixou de ser um bem de poucos olhos, para se universalizar em muitos.

Seguindo nessa direção, a Revolução Francesa foi decisiva. A burguesia compreendeu, como nenhuma outra classe social, a importância da linguagem.

A necessidade de comunicação acompanha os passos humanos na história. Está associada à sobrevivência desde os traços alegóricos das cavernas até a onipresença dos satélites, do telefone celular, do fax e dos computadores. É um pré-requisito da dominação humana sobre os pressupostos da natureza.

Apostou na sua instrumentalização ideológica. Modernizou os aparelhos ideológicos do Estado, destronando o monopólio da Igreja na religiosidade e no ensino. Concedeu papéis decisivos à educação e à imprensa.

A partir da segunda metade do século XIX, a Segunda Revolução Industrial começou a redefinir o econômico e o político. A partir dela, tudo o que o homem consome passa a ser fabricado pela máquina. A maior velocidade de produção exige um maior número de mercados.

A informação se converte em mais uma mercadoria, com um duplo valor de troca. É ideológica e, ao mesmo tempo, dá lucro. Significa uma das mais perfeitas sínteses dos níveis infra-estrutural e superestrutural. Representa a própria redefinição sublimada do conceito de capital.

No século XX, a internacionalização da informação se torna uma realidade, materializada, também, pela mídia eletrônica. O seu fluxo abreviou as distâncias e redesenhou os mapas. É um espelho da onisciência do homem em todos os cantos do universo.

Os Meios Massivos de Comunicação são uma das mais conseqüentes instâncias de poder neste fim de século. Configuram uma personalidade, particularizada, de instituição pós-moderna. São empresas que produzem e reproduzem o econômico e o ideológico, como uma única e indissociável mercadoria. Em nenhum outro momento histórico, como agora, se produziu tanto discurso.

Barthes (1997, p. 1) resgata, com singularidade, a etimologia do termo *discurso*. Ele observa, no horizonte da generalidade, que “*dis-cur-sus* é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas 'démarches', 'intrigas'”.

Tal perspectiva etimológica consegue indicar, em sua significação estática, o sentido de movimento e de relatividade. Insinua a prática que envolve a lida com os signos, permeada pela tecitura e contextura, marcas digitais da historicidade. Barthes notabiliza, assim, a dialética da produção discursiva.

Brandão (1994, p. 12) estabelece um conceito, que particulariza a anotação etimológica de Barthes. Ela estipula o discurso, como a “articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos”. Na sua concepção, a discursividade depende de suas relações com o contexto socioistórico.

Barthes e Brandão, nas particularidades de seus passos, pelos vieses etimológico e conceitual, sublinham aspectos fundamentais. Vêm o *discurso*, pronunciado pelo movimento, próprios do contexto socioistórico, do qual é determinado. Ambos, pelas especificidades de seus atalhos teóricos, instituem-no, na generalidade, como uma prática dialética.

No percurso histórico, diferentes empreendimentos têm se dedicado à interpretação discursiva nas mais variadas épocas. A filologia foi denominada “a mais difícil arte de ler”. Buscava a compreensão das significações de um documento, lavrado em língua humana. Preocupava-se, ainda, em captar o “contexto”, que marcou o seu surgimento, como assinala Malmberg (1966, p. 9).

A filologia perseguia dois objetivos: um se fixava na questão lingüística, mobilizado pela significação. O outro buscava a investigação dos contextos social e histórico, como determinantes da produção de sentido. Tais perspectivas originaram as duas principais tendências, existentes, hoje, nos estudos semiológicos e discursivos.

A tendência norte-americana está voltada, sobretudo, para o estudo das questões lingüísticas. É influenciada pelos pressupostos de Saussure, nos quais a língua mantém-se hegemônica em relação à fala, cultivando uma abordagem, preocupada com a neutralidade. Descarta a preocupação com as variáveis sociais e históricas.

De outro lado, encontra-se a tendência européia, que recebeu influências dos formalistas russos, mas, sobretudo, de Peirce e de Bakhtin, decodificando o lingüístico pelos seus determinantes sociais e históricos. Está agenciada pelo cultivo de uma abordagem filosófica.

No século XX, no percurso, sobremodo, dos anos 60, o estruturalismo francês, em seu perfil multifacetado e interdisciplinar, foi decisivo. Redesenhou uma nova perspectiva para a investigação discursivo-semiológica. Os estudos de Lévi-Strauss, na antropologia, Lacan, na psicanálise, Althusser, na relação marxismo e psicanálise, Barthes, na semiologia, entre outros, redimensionaram o papel da linguagem na instauração da subjetividade.

Pelo seu enraizamento epistemológico, traduzido pelo paradigma de Althusser e de suas alteridades interdisciplinares, o presente estudo está vinculado à tendência européia. Sublinha a fundamentalidade de sua abordagem filosófica, comprometida com as relativizações sociais e históricas, como determinantes da produção de sentido.

Paradigma althusseriano

A produção althusseriana codifica uma preocupação substantiva com a cientificidade e com o filosófico. Revela, no perímetro de sua intertextualidade, as marcas das influências, deixadas pelas leituras, sobretudo, de Bachelard, Maquiavel, Spinoza, Marx, Freud e Lacan.

Althusser concebe uma Teoria da Ideologia em Geral, evidenciando a questão da subjetividade. Articula categorias do marxismo e da psicanálise, por intermédio de uma abordagem estruturalista, para abranger a dialética do social e do sujeito.

Na obra: *Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIEs) (1985, p. 84), verifica que a ideologia possui uma história própria, determinada pela luta de classes. “É uma realidade não-histórica, com estrutura e funcionamento, eterna, tal qual o Inconsciente, proposto por Freud.”

O paralelismo entre ideologia e inconsciente é uma forma de compatibilizar o marxismo com o freudismo, através de uma postura estruturalista. O filósofo (1984) explica a relação:

Freud nos revela, por sua vez que o sujeito real, o indivíduo, em sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado no “eu” (“moi”), na “consciência” ou na “existência” quer esta seja a existência para-si, do corpo próprio, ou do “comportamento” –, que o sujeito humano é descentrado,

constituído por uma estrutura que, também, tem um “centro” apenas no desconhecimento imaginário do “eu”, ou seja, nas formações ideológicas em que ele se “reconhece”. Desse modo, ter-se-á notado, está aberta para nós, sem dúvida, uma das vias pelas quais chegaremos, talvez um dia, a uma melhor compreensão dessa estrutura do desconhecimento, que interesse, em primeiro lugar, a qualquer pesquisa sobre Ideologia. (p. 71).

Sobre o inconsciente. Há uma metalinguagem básica: “Estrutura do desconhecimento”. É o “centro” da descentralização psíquica do sujeito, a sua voz de comando, que, no silêncio, não cessa de se pronunciar, prescrevendo a caminhada do existir. O seu reconhecimento ocorre na ideologia. Ambos são inseparáveis. Têm estrutura, funcionamento e eternidade.

Marx concebe a ideologia, como Falsa Consciência, desprovida de história. Althusser concorda em parte. Observa que, mesmo ilusória, ela se refere à realidade. Basta interpretá-la, porque as ilusões fazem alusões. Nesse particular, ele se aproxima de Gramsci, que, analogamente, admite que a verdade aparece nos equívocos.

O encontro entre o marxismo e a psicanálise é justificado pelo materialismo e pela dialética. Num mundo, dominado pelo idealismo e pelo mecanicismo, Marx e Freud foram materialistas. A tese mínima que os define é a existência da realidade fora da consciência, de acordo com o texto althusseriano (1984):

Freud é, desde o início, materialista, já que nega a primazia da consciência... Quanto à Dialética, Freud nos deu surpreendentes figuras dialéticas que nunca considerou leis (essa criticável modalidade de uma tradição marxista): por exemplo, as categorias de Transferência, Condensação, Superdeterminação, etc., e também essa tese-limite que o inconsciente não conhece a contradição, e que essa ausência de contradição é a condição de toda a contradição. (p. 77).

Desenvolve-se uma articulação entre o marxismo e o freudismo, por intermédio do materialismo e da dialética. Entretanto, existe outro elo entre ambos: o estruturalismo. Através desse, Althusser retornava a Marx, para lhe resgatar a cientificidade, e Lacan fazia o mesmo em relação a Freud.

Nessa perspectiva, Althusser formula uma Teoria da Ideologia em Geral em duas teses básicas:

- a) a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência;
- b) a ideologia tem uma existência material.

A respeito da primeira, ele pormenoriza (1985): “É esta relação que está no centro de toda a representação imaginária, e, portanto, imaginária do mundo real. É nesta relação que está a 'causa'” (p. 87), que deve dar conta da deformação imaginária da representação ideológica do mundo real. Ou melhor, deixando de lado a linguagem de causa, é preciso adiantar a tese de que é a natureza imaginária desta relação que sustenta toda a deformação imaginária, observável em toda a ideologia.

A deformação ideológica é sustentada pela sua natureza imaginária. Encontra-se, aí, uma influência de Lacan. Para esse, o imaginário é o variável, a ilusão na captação do ego, os significados – a consciência; enquanto o invariante é o simbólico, os significantes, o inconsciente.

Desenvolve-se uma articulação entre o marxismo e o freudismo, por intermédio do materialismo e da dialética. Entretanto, existe outro elo entre ambos: o estruturalismo. Através desse, Althusser retornava a Marx, para lhe resgatar a cientificidade, e Lacan fazia o mesmo em relação a Freud.

Abre-se a possibilidade de investigar o discurso na sua dimensão ideológica, como o imaginário, o ilusório, que alude à realidade, o dito – a consciência. Há a necessidade de resgatar o simbólico, o não-dito – o inconsciente. A concepção althusseriana busca o contexto para explicar o texto, como propõe Brandão (1994).

A segunda tese admite que a ideologia se materializa. Quem acredita em uma idéia, a ritualiza, a transforma em ações, em procedimentos. O imaginário se corporifica em práticas em um aparelho.

As práticas são indissociáveis dos (AIEs), que são instituições públicas e privadas, distintas e especializadas. Orquestram, em suas linguagens específicas, a ideologia dominante, que não se realiza, magicamente, pois decorre da luta de classes (1985).

O filósofo (1994) refere, na incompletude de uma generalidade, oito AIEs.

São os seguintes: o Religioso (o sistema de diferentes Igrejas), o Escolar (o sistema de escolas públicas e privadas), o Sindical (o sistema de organização dos sindicatos), o Político (o sistema eleitoral e partidário), o Cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc.), o de Informação (a imprensa, o rádio e a televisão, etc.), o Jurídico e o Familiar, entre outros. (p. 68).

Pode-se objetar, à primeira vista, uma particularização mais detalhada de cada AIE. É precedente, até pelas questões dialéticas, que os permeiam na singularidade e na pluralidade de suas interrelações. Tais ressalvas não desautorizam a perspectiva macro. Althusser conseguiu, ainda com indigência de pormenorização, abordar, dialeticamente, a concepção de Estado. Revelou a sua simbiose, através dos AIEs e do Aparelho Repressivo do Estado (ARE), onde o marxismo ortodoxo só via repressão.

Alguns podem, ainda, replicar que o fenômeno da globalização, com seu halo neoliberal, privatista, seja o epítáfio da concepção althusseriana de Estado. É, na essência, todavia, o seu mais iluminado endosso. Significa apenas priorizar a hegemonia, realizada pelos AIEs, em seu perfil privativo, que não perde o seu sentido estatal.

A categoria AIE traz, na sua intertextualidade, os rastros das leituras de Maquiavel. Refere a encarnação institucional do Príncipe, pluralizando as aparências pública e privada para sustentação da singularidade essencial: a questão ideológica.

Em toda a ideologia, existe um *sujeito absoluto* (uma abstração a-histórica). Nele, os sujeitos relativos (históricos) devem se espelhar, livremente, para se submeter, a ele, como reflexo. São práticas, invariantes, próprias das variantes dos AIEs.

O conceito de *sujeito* possui duas acepções antagônicas, anota Althusser (1985). Refere um ser livre, empreendedor, mas refere, também, um ser submisso, castrado em sua liberdade, a reboque de um outro. Ser livre, assim, é reconhecer, dialeticamente, a sua própria submissão. Eis o mecanismo da sujeição.

O filósofo verifica que o *sujeito absoluto* interpela os indivíduos, como sujeitos em seu nome, funcionando como um espelho, duplamente, especular. Ele ilustra, com um exemplo religioso (1985):

A interpelação dos indivíduos, como sujeitos, supõe a “existência” de um Outro Sujeito, único e central, em Nome do qual, a Ideologia religiosa interpela todos os indivíduos, como sujeitos [...]. E o Senhor chamou Moisés: “Moisés” “Sou (certamente) eu, disse Moisés, eu sou Moisés, teu servo, fale e eu escutarei”. E o Senhor falou a Moisés e lhe disse: “Eu sou aquele que É”. (p. 101).

A citação evidencia os vestígios das leituras de Spinoza. Ele sedimentou, em suas obras, uma abordagem crítica à ideologia religiosa, tida como uma distorção da realidade. Foi um descrente da dimensão transcendente, construída pela fé. A ela, opunha o racionalismo absoluto, condição para o homem perseguir a verdade.

Ainda, no exemplo anterior, o *sujeito absoluto* (uma abstração a-histórica) é Deus. Como espelho, ele interpela, pelo nome, Moisés. Esse se reconhece como sujeito livre, para ser submisso ao interpelante. O duplo especular se constrói na hierarquia. Existe uma verticalidade entre o absoluto-Deus-espelho-interpelante e os relativos-filhos de Deus-reflexos-interpelados. O primeiro instaura e domina a subjetividade; os segundos, sentindo-se livres, ritualizam a sua servidão, arrebanhando entre os seus iguais, outros escravos em nome de Deus e para Deus.

Albuquerque (1991) considera o estruturalismo althusseriano “uma versão funcionalista do Marxismo”. Está voltado para a integração e para a reprodução social, preocupado em explicar a ordem, porém incapaz de entender a mudança. Suprime o papel do sujeito individual – o militante revolucionário – e do histórico – a classe operária e seu partido. Ele enfatiza:

Althusser se compraz na demolição do sujeito da história, mostrando como a construção da subjetividade resulta de processos imaginários, que pressupõem um mecanismo primário de identificação com um Sujeito, que é princípio e fim de todo o sujeito possível e garantia de sua subjetividade, isto é, de sua autonomia enquanto subjetividade. (p. 6).

Com o conceito de sujeito, há a possibilidade de abranger os protagonistas da ação discursiva: emissor, fontes e receptor. Todos sujeitos livres-submetidos. Eles constituem a ideologia e vice-versa. São senhores e escravos de seus discursos.

O paradigma althusseriano compatibiliza a categoria do invariante, do estruturalismo, com a dialética de Marx. As funções não estão isoladas, mas mobilizadas pelas relações entre o invariável e as variáveis. A ideologia não é mecânica, porém determinada pela luta de classes nos AIEs.

A preocupação epistemológica caracteriza Althusser, ele a herdou das aulas de um de seus ex-professores, Bachelard, na Escola Normal Superior de Paris. Nunca abriu mão da lição de que a cientificidade depende de um objeto próprio. O que não é sinônimo de funcionalismo.

Com o conceito de *sujeito*, há a possibilidade de abranger os protagonistas da ação discursiva: emissor, fontes e receptor. Todos sujeitos livres-submetidos. Eles constituem a ideologia e vice-versa. São senhores e escravos de seus discursos.

A interpelação, em suas diferentes manifestações, consegue responder à questão do fenômeno lingüístico do discurso. Concretiza-se no léxico, no sintático e no sonoro, enfim no estilístico. Abrange um universo amplo da linguagem, porém sem especificidade.

Pêcheux (1990) utiliza a Teoria da Ideologia em Geral, para investigar as condições sociohistóricas, responsáveis pela produção discursiva. A ela, alia a obra de Wittgenstein, em sua perspectiva antipositiva, e as abordagens discursivo-textuais, provenientes do estruturalismo.

O empreendimento valida, em parte, a adequação do paradigma althusseriano, em sua dimensão ideológica, a Análise de Discurso. Todavia, não o autoriza na perspectiva da dimensão lingüística pela falta de especificidade e de sistematização.

Na obra, *Para leer El Capital*, com Balibar, Althusser (1990) realiza a leitura sintomática:

A partir de Freud, começamos a suspeitar do que quer dizer escutar, portanto do que quer dizer falar (e calar-se); começamos a suspeitar que esse “quer dizer” do falar e do escutar descobre, debaixo da inocência das palavras, falada e escutada, a profundidade de um segundo discurso, completamente distinto, o discurso do Inconsciente... Tal é a segunda leitura de Marx (dos economistas clássicos): uma leitura, que nos atrevemos a chamar Sintomática, na medida em que descobre no descoberto, no texto, mesmo que lê e o refere, em um mesmo movimento, o outro texto, presente por uma ausência necessária no primeiro... e aparece a necessidade e a possibilidade de uma leitura simultânea de duplo sentido. (p. 20-21).

Lacan (1966) observa que o sintoma é a palavra, dirigida ao outro, enigma em busca de deciframento, “hieróglifo à procura de um sujeito, capaz de ouvi-lo e interpretá-lo”. É a manifestação do sentido do reconhecimento do desejo, porém de “forma ilegível, pois este continua excluído, recalçado”. (p. 237-322).

A leitura sintomática é questionadora. Não se satisfaz com o dito. Apenas o considera, para alcançar o não-dito, o constituinte. É platônica, nesse particular: a essência estruturante se encontra no intangível, no implícito, o recalcado.

Marx leu, sintomaticamente, os economistas clássicos. Percorreu a significação do dito, para descobrir o não-dito. Através do imaginário, o tangível (consciente) dos discursos de Adam Smith e David Ricardo, pescou o simbólico, o intangível (inconsciente). O mesmo reprisou Althusser, lendo *O Capital*, revelando as suas intenções (1990): “Como não existe leitura inocente, digamos da qual leitura somos culpados... Ler *O Capital*, como filósofo, é exatamente, perguntar-se acerca do objeto específico de um discurso científico e a relação específica entre esse discurso e seu objeto.” (p. 19).

Observa-se que Althusser identifica as suas intenções, como leitor. Inicialmente, caracteriza que o ato de ler não é inocente. Possui critérios, impondo delimitações. Remete ao termo “crítico(a)”, que significa ter critérios. Evidencia a leitura como um exercício de critérios, ou seja, de crítica.

Também, é possível constatar a declaração de intencionalidade do leitor. Ele se assume diante do discurso. Evidencia a sua delimitação, o seu enfoque. Não deve buscar o escondido, escondendo-se. Apresenta a sua relatividade de sujeito livre-submisso, constituinte e constituído, tal qual o emissor discursivo.

O paradigma althusseriano possui uma Teoria da Ideologia em Geral. Traz a dialética do sujeito e a categoria do AIE. Por intermédio da interpelação, responde, na generalidade, ao fenômeno lingüístico. Ainda, oferece a leitura sintomática, como perspectiva do estudo discursivo.

Em suas formulações, Althusser abrange o ideológico e o lingüístico. Entretanto, falta-lhe uma especificidade de sistematização para que tenha uma proposta metodológica de Análise de Discurso, sobretudo, na questão da lingüística.

O paradigma althusseriano possui uma Teoria da Ideologia em Geral. Traz a dialética do sujeito e a categoria do AIE. Por intermédio da interpelação, responde, na generalidade, ao fenômeno lingüístico. Ainda, oferece a leitura sintomática, como perspectiva do estudo discursivo.

Incompletude/ completude

Na incompletude do paradigma, existe a possibilidade de averiguar o implícito, o que ficou por dizer. Aí, pode ser encontrada a sua completude, resguardando as articulações entre marxismo, psicanálise e estruturalismo. Basta uma leitura sintomática. É o que pretendemos fazer a partir de agora.

Na obra: *A interpretação dos sonhos*, Freud (1987, p. 272-278) sublinha três categorias básicas: a *Representação* é o conteúdo manifesto, apresentado pela figuração; a *Condensação*, a compactação de significados; e o *Deslocamento*, a produção indireta de significados. Com eles, constituímos o primeiro momento da sistematização de uma proposta de *leitura sintomática*. É denominado *imaginário*, onde há a segmentação descritiva do dito, do tangível, do consciente do discurso, privilegiando as *figuras de linguagem*.

A *Representação* possui os seguintes subitens:

- a1) *Sujeitos Relativos Ativos* – o emissor (autor), fontes (quem se pronuncia, através de citação) e o receptor (o leitor, que deve identificar a sua intencionalidade de leitura);
- a2) *Sujeitos Relativos Passivos* – aqueles que são falados, mas não falam;
- a3) *Espaço Social* – os ambientes descritos;

a4) *Gênero* – o tipo de discurso encrático, o da hegemonia, e o acrático, o da contra-hegemonia. (BARTHES, 1984, p. 98).

A Condensação apresenta os seguintes subitens:

b1) *Estereótipo(s)* – cúmulo de artifício que a sociedade produz e consome, como sentido inato, ou seja, cúmulo da natureza, conforme Barthes (1997, p. 33);

b2) *Slogan(s)* – apelo sentimental de amor, ódio, indignação e entusiasmo, segundo Pinho (1989, p. 123);

b3) *Predições do Senso Comum* – os axiomas, o lugar-comum e a frase feita;

b4) *Léxico Mágico* – os substantivos abstratos e os adjetivos abstratos, designativos de uma ordem transcendente;

b5) *Quantificações Monopolísticas* – quaisquer expressões numéricas, que, isoladamente, monopolizem a significação, sem nenhum parâmetro, sem oferecer reflexão;

b6) *Metáfora(s)* – condensação de significação sustentada pela identificação e pelo simbolismo. (LACAN, 1988);

b7) *Antítese(s)* – consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um “poderoso recurso de estilo”. (CEGALLA, 1997, p. 555);

b8) *Hipérbole(s)* – uma afirmação (exagerada) deforma a verdade, visando a um efeito expressivo. (CEGALLA, 1997);

b9) *Personificação(ões)* – figura, que humaniza os seres irracionais ou inanimados, chamada, também, Animização. (CEGALLA, 1997).

O *Deslocamento* é constituído assim:

c1) *Eufemismo(s)* – transforma o desagradável em agradável (CEGALLA, 1997);

c2) *Perífrase(s)* – expressão, que designa os seres, através de algum de seus atributos, ou de um fato que os celebrizou. (CEGALLA, 1997);

c3) *Sinestesia(s)* – transferência de percepções da esfera de um sentido a de outro,

do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de “grande poder sugestivo”. (CEGALLA, 1997, p. 546);

c4) *Ironia(s)* – figura pela qual se diz o contrário do que se pensa, “quase sempre com intenção sarcástica”. (CEGALLA, 1997, p. 556);

c5) *Sinédoque(s)* – toma a parte pelo todo e vice-versa;

c6) *Repetição(ões)* – o igual, que se reproduz com diferença. (LACAN, 1988);

c7) *Metonímia(s)* – deslocamento de significação, sustentado pela contigüidade e noção de causalidade. (LACAN, 1988).

Alguns autores caracterizam a metonímia, como condensação, e a metáfora, como deslocamento. Preferimos o contrário, seguindo a concepção de Lacan (1988), para preservar a abordagem estrutural-psicanalítica, articulada por Althusser.

No segundo momento, o *simbólico*, haverá o agenciamento do não-dito, do intangível, do inconsciente do discurso. Terá, como ponto de partida, o *imaginário*, por intermédio de seus respectivos itens e subitens. Dessa forma:

A) *Representação*

a1) *Sujeitos Relativos Ativos* – agenciar o não-dito, através de suas práticas, anteriores ao discurso e as suas relações específicas com os AIEs;

a2) *Sujeitos Relativos Passivos* – agenciar o não-dito, através de suas práticas, anteriores ao discurso e as suas relações específicas com os AIEs;

a3) *Espaço Social* – agenciar o não-dito sobre os ambientes, relacionando-os aos AIEs;

a4) *Gênero* – agenciar a sua tipologia, relacionando as suas práticas com os AIEs;

B) *Condensação*: agenciar o sujeito absoluto (abstração a-histórica, espelho imaginário), subjacente, e as suas interpelações, relacionadas com os AIEs, em cada subitem;

C) *Deslocamento*: agenciar o Sujeito Absoluto (abstração a-histórica, espelho imaginário), subjacente, e as suas interpelações, relacionadas com os AIEs, em cada subitem.

Para o agenciamento do *simbólico*, o leitor poderá utilizar a intuição e os seus próprios conhecimentos. Também disporá de outras fontes, como jornais, revistas, livros, teses e enciclopédias, etc., buscando informações, que ensejam o questionamento.

O terceiro momento, *interpelação dialética*, confronta o *imaginário* com o *simbólico*. Assim, a interpretação é, num sentido freudiano (1987, p. 119), atribuição do sentido e dialética, a formulação de tese *versus* antítese, sendo essa complexa, superdeterminada, igual à síntese.

A tese representa o *imaginário*, a antítese, o *simbólico*, e a síntese, a interpretação do leitor. Ficará deste modo:

A) *Representação*: tese do imaginário *versus* antítese do *simbólico* e a síntese do leitor;

B) *Condensação*: tese do *imaginário versus* antítese do *simbólico* e a síntese do leitor;

C) *Deslocamento*: tese do *imaginário versus* antítese do *simbólico* e a síntese do leitor.

Das três sínteses parciais do leitor, decorre o agenciamento de uma síntese geral, concluindo a *leitura sintomática*.

Em três momentos diferentes, *imaginário, simbólico e interpretação dialética*, houve a possibilidade de agenciar o não-dito, proposto pelo paradigma althusseriano, sistematizando-o metodologicamente. Nesse sentido, pela teoria e pela prática, pode-se falar e fazer Análise de Discurso, em Althusser, com a denominação *Leitura Sintomática*. Eis uma possibilidade de agenciar o recalcado na discursividade neoliberal da globalização.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Guilhon de. Althusser derrubou mito do sujeito histórico. *Folha de São Paulo*, São Paulo, seção Letras, p. 6, 19 out. 1991.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *O futuro dura muito tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____; BALIBAR, Étienne. *Para leer El Capital*. 22. ed. Madrid: Siglo Veintiuno, 1990.
- BARTHES, Roland. *A Aula*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise de Discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 40. ed. São Paulo: Nacional, 1997.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- LACAN, Jacques. *O seminário: as psicoses*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- MALMBERG, Bertil. *Las nouvelles tendances de la linguistique*. Paris: PUF, 1966.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PINHO, José Benedito. *Comunicação, memória e resistência*. São Paulo: Paulinas; UBC, 1989.